



A ética social na Teologia de John Wesley

Euler Renato Westphal

Faculdade Luterana de Teologia

Dezembro de 1997

A ÉTICA SOCIAL NA TEOLOGIA DE JOHN WESLEY

Euler Westphal*

INTRODUÇÃO

Ao ocuparmo-nos com a questão social em Wesley não podemos ignorar algumas questões de sua biografia e de sua teologia, especialmente no que diz respeito ao conceito da santificação. Este conceito nos servirá de tema bem como o quadro conceitual que gira em torno dele, exemplificados na perfeição, na conversão, nas obras do amor, na obediência e na questão social.

Entendemos que a questão social está intrinsecamente ligada ao conceito de santificação e perfeição, pois para Wesley, a perfeição cristã estende-se para o âmbito da criação como um todo e é articulada na afirmação diante do mundo e não na sua negação.

Parece-nos importante que essa temática seja abordada, pois ela poderia ser um elemento norteador quanto à articulação teológica preocupada com a dimensão espiritual, evangelística, e a dimensão sócio-política no âmbito da criação. Não poderá haver separação entre o reino da graça e o reino da criação. Embora a dialética teológica exija a distinção entre ambos.

Limitamos o assunto proposto a alguns dados biográficos e à teologia da santificação, desenvolvendo também alguns assuntos que giram em torno desse conceito central em Wesley. Na questão social selecionamos apenas aqueles aspectos, que no nosso modo de entender, estariam diretamente relacionados com Wesley. Não nos ocupamos com as conseqüências do metodismo posterior, limitando-nos até o ano de 1833, ocasião da questão do escravagismo. Entendemos que entre Wesley e Wilberforce existia uma concatenação de causa e efeito na questão da abolição dos escravos negros.

Optamos por enfatizar a questão do escravagismo e não desenvolvemos o assunto da reforma das prisões. A questão do escravagismo tem despertado maior interesse e julgamos que seria de maior importância para o presente artigo.

Na abordagem do assunto empregamos basicamente a literatura secundária por não termos acesso à literatura primária em língua inglesa. Devemos também destacar que a literatura primária, traduzida e publicada em língua portuguesa não incorporou os textos relevantes para a questão social que seriam de proveito para o nosso intento, com exceção do sermão sobre "O Uso do Dinheiro".¹

*Euler R. Westphal é doutor em teologia pelo I. E. P. G. em São Leopoldo, RS, e professor de teologia no CETEOL, em São Bento do Sul, SC.

¹John Wesley. "Sermão L: O Uso do Dinheiro" in *Sermões*, v. 2. (São Bernardo do Campo: Imprensa Metodista, 1954).

Observamos que a literatura secundária, de tempos mais antigos, tende à glorificação da pessoa de Wesley e do Movimento Metodista sem estabelecer uma relação crítica e distanciada do objeto de estudos. Na literatura recente percebe-se que esta preocupação está presente. Exemplo disso são os artigos de Elsa Tamez. *El Wesley de los Pobres* e de Bonino-Santa Ana-Pixley-Assmann *Luta pela Vida e Evangelização - A Tradição Metodista na Teologia Latino-americana*.²

Ao tratarmos dos assuntos referentes a alguns conceitos da teologia de Wesley, tomamos por base a obra de Colin W. Williams.³

Na apresentação dos projetos sociais de Wesley tomamos a estrutura de apresentação de Duncan A. Reily.⁴ A partir daqui e da leitura dos diferentes autores, inclusive com alguma literatura primária, procuramos adquirir uma visão coerente e fundamentada do nosso objeto de estudos.

Entendemos que apesar das limitações, dos resultados provisórios e da natureza deste ensaio, por não ser um tratado acabado, pudemos dimensionar algumas pistas para uma teologia empenhada na evangelização das classes oprimidas.

O PENSAMENTO TEOLÓGICO E AS REFORMAS EM JOHN WESLEY

Alguns Dados Biográficos

John Wesley foi o décimo quinto filho de sua família, tendo nascido em 1703 e falecido no ano de 1791. Já seu irmão Charles Wesley foi o décimo oitavo filho, e viveu de 1707 a 1788. Os pais eram de tradição puritana, embora quando jovens tivessem se tornado membros da Igreja Anglicana. O pai, Samuel Wesley, era pastor da igreja oficial da Inglaterra. Assim também John, como seu irmão Charles, foram sacerdotes ordenados da igreja estatal. John é considerado o fundador do Metodismo.⁵ Não podemos ignorar que seu irmão Charles foi importante na trajetória dos inícios do Movimento Metodista; além dele merece citação George Whitefield, outro personagem fundamental na formação do metodismo.

²Elsa Tamez. "El Wesley de los pobres", in: *Vida y Pensamiento*. Publicación semestral del Seminario Bíblico Latinoamericano, v.2, n.2, (Julio-Diciembre, 1982) 17ss; e José M. Bonino et alii. *A Luta pela Vida e Evangelização e a Tradição Metodista na Teologia Latino-americana*. (São Paulo: Paulinas/ UNIMEP, 1985).

³Colin W. William, *Die Theologie John Wesleys* (Frankfurt Am Main. Anker-Verlag, 1967). Trad. Manfred Hoffmann do original *John Wesley's Theology Today* (New York/Nashville Abingdon Press. 1960).

⁴Duncan A. Reily, *Metodismo Brasileiro e Wesleyano: Reflexões Históricas sobre a Autonomia*. (São Bernardo do Campo: Imprensa Metodista, 1981).

⁵M. Schmidt, *Wesley 1. Charles, 2. John*, in *Die Religion In Geschichte und Gegenwart* (RGG) 3. Auflage. Bd. VI. (Tübingen, 1962). Spalte. 1655s.; Karl Heinz Voigt, *Methodisten*. In: *Evangelisches Gemeinde Lexikon* (Wuppertal, 1978) 349s.

A designação “metodista” tinha conotação pejorativa, pois, quando estudante, John passou a liderar um grupo de colegas fundado por seu irmão Charles em 1729 em Oxford, com o objetivo de estudar os autores latinos e gregos. Eles também se reuniam com o intuito de ler o Novo Testamento na língua original e, além disso, cultivavam a piedade pessoal através da oração metódica e da prática do amor cristão.⁶

Parece-nos que a origem do metodismo ainda não pode ser encontrada nesta época, pois aqui a busca pela justificação era por obras de caráter religioso e moral.

Após a fracassada experiência missionária na Geórgia, nos EUA, entre 1735 e 1737, aconteceu a experiência decisiva para os irmãos Wesley. Nessa época eles conheceram representantes dos irmãos de Herrnhut. Ambos foram influenciados pela teologia cristocêntrica dos irmãos moravianos. Para os irmãos Wesley a conversão de modelo pietista aconteceu em 1738. A experiência de Charles foi suscitada pelo comentário de Lutero sobre Gálatas. John passou pela conversão numa reunião das *religious societies*⁷ na qual foi lido o prefácio ao comentário de Romanos de Lutero. A conversão deu-lhe a certeza da fé; o perdão dos pecados foi obtido pela fé em Cristo somente e isto o levou à uma paz interior profunda.⁸

Teríamos na conversão o momento fundamental que determinou toda a teologia e a prática dos irmãos Wesley, o que também foi decisivo para o Movimento do Metodismo.⁹

ASPECTOS DA TEOLOGIA DE JOHN WESLEY

Entendemos que a questão social em John Wesley está intrinsecamente ligada a alguns conceitos teológicos fundamentais por ele desenvolvidos.¹⁰

Para Wesley, a justificação seria o centro da teologia e da pregação e as boas obras não seriam necessárias para a salvação. Ele assim rompeu com o pensamento meritório, difundido na teologia anglicana. A santificação e a justifica-

⁶M. Schmidt, *Op. cit.*, 1655s; Kurt Dietrich Schmidt, *Grundriss der Kirchengeschichte* (Göttingen, 7. Auflage, 1979) 524. Garth Lean, *John Wesley - Modell einer Revolution ohne Gewalt* (Giessen und Basel Brunnen: Verlag, 2. Auflage Februar 1971) 25s.

⁷M. Schmidt, *Op. cit.*, Spalte, 1657. Estes grupos correspondiam aos conventículos do movimento pietista da Alemanha inseridos na Igreja Luterana, autodenominando-se “landeskirchliche Gemeinschaften”.

⁸*Ibid.*, Coluna 1655ss. Garth Lean, *Op. cit.*, 40-43. Bengt Hägglund, *História da Teologia*. 2ª edição, (Porto Alegre: Concórdia, 1981) 297; Kurt Dietrich Schmidt, *Grundriss der Kirchengeschichte*, 524.

⁹Bengt Hägglund, *Op. cit.*, 297; Kurt Dietrich Schmidt, *Op. cit.*, 524.

¹⁰A temática, em função dos seus objetivos, interesses e limitações, aponta para a necessidade de excluir dois personagens importantes na história do metodismo: Charles Wesley e George Whitefield. Concentraremos-nos na pessoa de John Wesley como fundador do metodismo.

ção não seriam a mesma coisa, pois a santificação seria fruto da fé. A conversão está intrinsecamente ligada à regeneração, e o novo nascimento é a tipologia que explicaria a conversão. Portanto, a regeneração tem caráter decisivo, pois com a conversão se estabelece um marco a partir do qual acontece o passo inicial da vida cristã. Trata-se da volta do pecado para Deus. A partir da conversão olha-se para trás, para o ser humano impotente e pecador e ao mesmo tempo olha-se para frente, para a vida cristã no crescimento da perfeição. Com a experiência da conversão há a certeza interna do novo nascimento, testemunhada pelo Espírito Santo, que deve se articular nas obras concretas do amor.¹¹ Através da conversão, no Metodismo primitivo, estabelece-se uma relação com Deus em Jesus Cristo, na existência do crente. A conversão apontaria para a dimensão do discipulado, do crente como nova criatura. Assim a comunidade de Cristo está comprometida com a realidade concreta do mundo.¹²

A doutrina da justificação tomou lugar secundário, enquanto que a temática da santificação do cristão e do novo homem passaram a ter maior ênfase nas reflexões de Wesley. Ele próprio resume a sua teologia da seguinte maneira:

As nossas doutrinas principais, que encerram todas as mais, são o arrependimento, a fé e a santificação. A primeira, é o vestíbulo da religião; a segunda, a porta; a terceira, a própria religião.¹³

Wesley atribui à santificação uma importância muito grande. Para ele, no processo de santificação o crente vai superando os resquícios do pecado até chegar à perfeição. A perfeição cristã seria um objetivo a ser alcançado e uma bênção esperada de Deus.

Este processo poderia acontecer gradualmente ou também instantaneamente, podendo ser conquistado na vida ou ainda por ocasião da morte.¹⁴

¹¹Bengt Hägglund, *Op., cit.*, 297; José Míguez Bonino, "Metodismo: Releitura Latino-Americana." in *Luta Pela Vida e Evangelização e a Tradição Metodista na Teologia Latino-Americana*. (São Paulo: Paulinas/UNIMEP, 1985) 134ss.

¹²*Ibid.*, 139-143. Na busca por uma releitura, Bonino propõe que a Evangelização deve tratar da questão concreta do discipulado de Cristo no mundo

¹³Apud., W. H. Fitchett, *Wesley e Seu Século - Um Estudo de Forças Espirituaes*, v. II, (São Paulo: Imprensa Metodista, 1927) 147. J. Bonino, *Op. cit.*, 145ss. Bonino tece algumas reflexões sobre a compreensão da relação entre justificação e santificação em Calvino e Barth, delongando-se em Wesley.

¹⁴W. H. Fitchett. *Op. cit.*, 153. Wesley, na sua teologia da perfeição, sabia que o pecado causou a total corrupção e desfiguração da natureza humana, pois o crente permanece na condição de pecador mesmo sendo justificado. Ele dizia o seguinte: "Cristãos perfeitos não são isentos de ignorância, nem enganos. Não podemos esperar que o homem seja infalível nem onisciente. Ninguém fica perfeitamente isento das enfermidades até que o espírito volte a Deus; nem poderemos esperar antes disso ficarmos inteiramente livres da tentação; pois o servo não é maior do que seu Mestre. Neste sentido não existe qualquer perfeição absoluta na terra. Não existe perfeição senão aquela que admita crescimento constante." José M. Bonino, *Op. cit.*, 147. Conforme Bonino a

Para Wesley, a doutrina da perfeição é fundamental e consiste na necessidade de que a santificação seja desenvolvida pela fé e na esperança nas promessas. Portanto, não temos em Wesley uma compreensão legalista de santificação, mas ela acontece na certeza de que Deus cumpre aquilo que prometeu em sua Palavra. Segundo nossas observações, este aspecto é o centro da doutrina da santificação desenvolvida por Wesley. A fé aponta em direção à santificação e Deus cumpre as suas promessas.¹⁵

A livre graça de Deus chamou o novo homem à perfeição cristã que se materializa no perfeito amor; a santificação é, portanto, o elemento agregador de fé e do amor.¹⁶ Quanto à essa questão, Wesley diz o seguinte:

Somos, indubitavelmente, justificados pela fé. Esta é a pedra angular de todo o edifício cristão. Somos justificados sem as obras da lei como condição prévia de justificação, mas essas obras são o fruto imediato daquela fé pela qual somos justificados. Deste modo é claro que, se as boas obras não acompanham nossa fé, assim como a santidade íntima e exterior, nossa fé é de valor nulo; estamos ainda em nossos pecados.¹⁷

No final do Sermão, ele ainda diz:

Ele (o apóstolo) ensina que não há justiça antes da fé, mas onde ensina ele que não haja justiça depois da fé? O apóstolo assevera que a santidade não pode preceder à justificação, mas não que esta não tenha necessidade de ser seguida por aquela.¹⁸

Wesley toma partido contra todo o quietismo dos irmãos moravianos que, de certa forma, subestimaram as obras. Ele acentua as obras de forma positiva, no sentido de que a justificação em Cristo produz boas obras.

O amor cristão, concretizando-se nas boas obras, seria um reflexo do amor de Deus em Cristo. Lemos em Wesley o seguinte:

Nem podemos deixar de amar a nosso próximo, se verdadeiramente cremos no amor com que Deus nos ama.

compreensão da perfeição em Wesley não necessariamente significa que não se faça mais erros de natureza moral, mas que a perfeição na vida cristã tenha sua origem na graça, no amor de Deus e no Espírito Santo

¹⁵Colin W. Williams, *Die Theologie John Wesleys* (Frankfurt Am Main: Anker-Verlag, 1967) 164.

¹⁶Karl Heinz Voigt, *Methodisten. Evangelisches Gemeinde Lexikon*, 350. José Míguez Bonino, *Op. cit.*, 151.

¹⁷João Wesley. "Sermão XXXV: A Lei Estabelecida Pela Fé." in *Sermões*, v.II (São Paulo: Imprensa Metodista, 1954) 187s.

¹⁸*Ibid.*, 188.

E na mesma seqüência de raciocínio Wesley continua dizendo:

Mas o amor não se contenta meramente com o não fazermos nenhum mal ao próximo: ele constantemente nos incita a fazermos o bem, na medida do tempo e oportunidades que tenhamos; fazer o bem de toda espécie possível e em toda a medida possível, a todos os homens.¹⁹

Parece-nos que aqui estariam as forças motivadoras para a ética social de Wesley.

A ÉTICA SOCIAL E A SANTIFICAÇÃO

Para Wesley, a comunhão com Cristo pela fé proporciona o amor a Deus e ao próximo e assim o crente é capacitado para as boas obras. A perfeição cristã se desenvolve nesta comunhão permanente com Cristo de tal forma que o crente é totalmente tomado pelo amor de Deus. A certeza dessa nova relação com Cristo significa dependência total de Deus, criando no cristão uma aguda consciência de pecado pessoal e social que se manifesta contra o senhorio de Cristo. As mudanças pessoais devem gerar as mudanças sociais e não haveria mudança pessoal de fato se esta não suscitasse mudanças sociais.²⁰

Na concepção de Wesley, o Reino de Deus como uma grandeza escatológica tem tudo a ver com a vida presente dos crentes. As dádivas do Reino no presente são uma antecipação do reino escatológico. O reino celestial, para Wesley, permanece na tensão entre as duas dimensões do reino expresso na fórmula do “já” e do “ainda não”. A perfeição somente é conquistada de maneira imperfeita e provisória, pois somente na eternidade esta santificação será completa. Este reino estaria presente no âmbito do caráter pessoal e do coração.²¹

Para Wesley, o Reino de Deus não se limita às áreas da interiorização da fé, mas tem aplicação imediata às questões sociais. Para ele, a escatologia deveria se fazer concreta no espaço político e social, no qual a injustiça seria vencida e a justiça e a paz seriam estabelecidas. A santificação é uma dádiva escatológica, dada compulsoriamente ao crente através da fé, que tem poder de transformações no mundo. Desta forma o escatológico irrompe no presente do mundo decaído.²²

A santificação individual sempre teria conseqüências para a santificação social, de modo que Wesley reconhecia a imperativo das transformações sociais, que acabassem com as injustiças.

¹⁹João Wesley, “Sermão XXXVI: A Lei Estabelecida Pela Fé.” in *Op. cit.*, 203.

²⁰Colin W. Williams, *Die Theologie John Wesleys*, 159; Garth Lean, *John Wesley-Modell einer Revolution ohne Gewalt*, 124.

²¹Colin W. Williams, *Op. cit.*, 168-171.

²²*Ibid.*, 171s.

Em Wesley, a santificação no plano social não significaria que o ser humano pudesse estabelecer o Reino de Deus sobre a terra e conseguisse apropriar-se do reino por esforços sociais. A santificação, na sua dimensão escatológica, seria um antegozo do reino celestial. A santificação pessoal bem como a santificação social acontecem na realidade do mundo decaído e por isso devem ser exercitados, a cada momento, na obediência e no arrependimento.²³

Embora Wesley não esperasse uma mudança mais abrangente e profunda do mundo, ele se empenhava em promover mudanças sociais de profundo significado para a época.

A compreensão da queda do mundo não significaria que o cristão tivesse o direito de menosprezá-lo ou de fugir do mundo. Mas os crentes são chamados ao serviço neste mundo para transformá-lo. O testemunho transformador dos cristãos é o espaço de Deus no qual os seus se preparam para o reino celestial.²⁴

A partir de sua fé, Wesley tinha os olhos abertos para a realidade social da época, enquanto os políticos e os líderes eclesiásticos ignoravam a situação social. Wesley, como voz profética, denunciou com realismo e paixão os terrores do escravagismo de negros e brancos que a revolução industrial havia trazido.²⁵

Os Pobres

A pobreza foi uma questão freqüentemente abordada por Wesley. Quando tratou dessa problemática, apontou para a terrível situação em que os pobres se encontravam. Lutou contra a exploração de crianças e de mulheres nas fábricas. Exigiu que o ambiente de trabalho nas indústrias fosse mais humano, que a jornada de trabalho fosse reduzida e que os salários fossem aumentados. Empenhou-se pelos trabalhadores que viviam em aglomerações nos bairros onde as condições de habitação eram insalubres e favoreciam a prostituição.²⁶

Os camponeses viviam em estado de pobreza e humilhação. Os mineiros, encontravam-se em situação de absoluta miséria. Homens, mulheres e crianças eram transformados em cadáveres ambulantes nos lugares insalubres das minas.²⁷ A primeira revolução industrial criou e aprofundou muitos problemas de ordem sócio-econômica. A criação de obstáculos e de cercas em volta das terras públi-

²³*Ibid.*, 173.

²⁴*Ibid.*, 173.

²⁵José M. Bonino, "Foi o Metodismo um Movimento Libertador?" in *Op. cit.*, 27s; Garth Lean, *Op. cit.*, 123.

²⁶Gonzalo Báez Camargo, *Gênio e Espírito do Metodismo Wesleyano*, 1ª. Edição (São Bernardo do Campo: Imprensa Metodista, 1986) 55.

²⁷Dorothy F. Quijada, "Juan Wesley y su Ministerio Integral." in *Boletín Teológico*. (Año 24, n.46, junio de 1992) 109,127.

cas, o desemprego dos artesãos e a perda do poder de compra do trabalhador trouxe prejuízos irreversíveis às pessoas socialmente mais fracas.²⁸

Na explicação tradicional para a origem da pobreza, dizia-se que a maioria das pessoas estariam destinadas a sofrer a pobreza de ordem econômica. A classe trabalhadora seria depravada por natureza, sendo responsável pela sua miséria. Além destes motivos, a pobreza seria uma situação que corresponderia a vontade de Deus.²⁹ Wesley rejeitava esta posição radicalmente. Em seu diário, no dia 9 de fevereiro de 1753, ele escreve:

É diabolicamente falsa a objeção comum: Os pobres são pobres só porque são preguiçosos.³⁰

A Propriedade e a Produção de Alimentos

Wesley também denunciou a privatização da propriedade e o conseqüente latifúndio que deixava os camponeses empobrecidos e sem terra. Ele rejeitava, ao contrário de John Locke e Adam Smith, a propriedade privada como bem absoluto. Para ele, a comunidade teria direitos sobre a propriedade privada e o Estado deveria coibir os abusos na privatização das terras comuns. A propriedade deveria ser concedida como um bem administrado e colocado a serviço da comunidade. Os bens não são direitos inalienáveis, pois quem não utiliza sua propriedade devidamente corre o risco de perdê-la. A propriedade é legítima quando adquirida honestamente e usada para o bem comum. Wesley chegou ainda a defender a idéia da comunhão de bens como um ideal do Novo Testamento a ser imitado pelas sociedades metodistas.³¹

Segundo Wesley, o uso de cereais na fabricação de bebidas alcoólicas e o uso de aveia na criação de cavalos, que também se exportava para a França, seriam os principais fatores para que os alimentos fossem tão escassos e caros. A indústria de bebidas alcoólicas, além de criar e sustentar o grave problema social do alcoolismo, estaria inibindo a produção e o consumo de alimentos pela população.

Wesley propôs que se proibisse a produção de bebidas alcoólicas e que se criassem mecanismos para inibir a criação de cavalos e reprimir o luxo da aristocracia dominante.³² As terras deveriam ser utilizadas para que se produzissem

²⁸Duncan A. Reily, *A Influência do Metodismo na Reforma Social na Inglaterra no Século XVIII* in *Op. cit.*, 153.

²⁹Douglas Tanner, "Juan Wesley y el Socialismo Cristiano. Por qué no repartes tu pan a los hambrientos?" in *Juan Wesley: Su Teología y la Nuestra*, ed. Roy H. May (San José: Editorial SEBILA, 1989) A-38; José M. Bonino, "Foi o Metodismo um Movimento Libertador?" in *Op. cit.*, 27.

³⁰Gonzalo Báez Camargo, *Op. cit.*, 59s.

³¹José Miguez Bonino, *Op. cit.*, 27, 29s; Dorothy F. Quijada, *Op. cit.*, 131; Douglas Tanner, *Op. cit.*, A-38; Gonzalo Báez Camargo, *Op. cit.*, 59.

³²D. Tanner, *Op. cit.*, A-39; D. F. Quijada, *Op. cit.*, 129; Duncan A. Reily, *Op. cit.*, 150.

alimentos baratos e em abundância para a população, mas os latifúndios estavam de fato criando a escassez e o encarecimento dos alimentos. Para Wesley, o consumo exagerado dos ricos não deixava que os bens de consumo pudessem ser usufruídos pelos pobres.³³

Fundos Beneficentes

Embora Wesley não conseguisse dimensionar a complexidade das relações da miséria na primeira revolução industrial, ele propôs que cada membro da sociedade metodista contribuísse com um pênny por semana para auxiliar os pobres e os enfermos, desenvolvendo, na prática, o princípio da mordomia cristã.³⁴ Wesley preocupava-se com as condições de trabalho e com o problema do desemprego, procurando proporcionar, na medida do possível, condições para que os pobres conseguissem autonomia para a sobrevivência através do seu trabalho.

Com o objetivo de beneficiar as classes pobres criou, em 1748, um fundo de ajuda através de pequenos empreendimentos, administrados por eles mesmos.³⁵

Wesley percebia que era fundamental que os pobres fossem auto-suficientes através do trabalho e que não continuassem dependentes de esmolas. Se alguém, por um ou outro motivo, tivesse sérias dificuldades financeiras, ou fosse obrigado a hipotecar algum bem, Wesley tinha um fundo de empréstimos para dar as possibilidades para um novo começo de vida.

Muitas famílias pobres conseguiram sair da situação de miséria e puderam prosperar através do auxílio deste fundo de empréstimos.³⁶

A Saúde

O interesse pelos pobres também implicaria no empenho concreto pelos doentes na Inglaterra de então. Wesley, por ocasião da epidemia de 1741, em Londres, empenhou-se em dar assistência aos doentes e reuniu um grupo relativamente grande para atender os enfermos.

Wesley estava preocupado em proporcionar condições para que as famílias pudessem desenvolver terapias profiláticas e caseiras. Em seu livro "Medicina Elementar", teve a intenção de dar subsídios para a medicina doméstica para que as famílias pudessem ter algum grau de autonomia na questão da saúde.³⁷

³³Dorothy F. Quijada, *Op. cit.*, 131.

³⁴Duncan A. Reily, *Op. cit.*, 153s.

³⁵Dorothy F. Quijada, *Op. cit.*, 127s.

³⁶Duncan A. Reily, *Op. cit.*, 155.

³⁷Dorothy F. Quijada, *Op. cit.*, 125. Duncan A. Reily, *Op. cit.*, 154s.

A Reforma Educacional

No século XVIII a educação não estava difundida na Inglaterra. Apenas a corte e a aristocracia tinham acesso à educação, enquanto que as crianças pobres permaneciam analfabetas, além de que as escolas não transmitiam conteúdo de vida às crianças.

Wesley criticou o sistema educacional existente e propôs que se estabelecesse uma relação entre o saber e a piedade. Ele incentivou a educação popular na Inglaterra e preocupou-se em especial com as crianças pobres, empenhando-se para que essas tivessem acesso à educação.

A escola de Kingswood foi o projeto de maior envergadura, pois tinha como objetivo educar os filhos dos mineiros empobrecidos. Este projeto foi iniciado por Whitefield em 1740. Além dessa escola, foram fundadas várias outras escolas para pobres e órfãos. Wesley incentivou os adultos, que haviam sido alfabetizados, a trabalhar de maneira auto-didata através de leituras. Para isto, escreveu panfletos de conteúdo prático para o exercício da leitura. Chegou até mesmo a escrever livros de história da Inglaterra e gramáticas como instrumentos da educação escolar.³⁸

O movimento das Escolas Dominicais, que se propagou por todo o país, tinha como objetivo não só transmitir ensino cristão como também proporcionar a alfabetização das crianças marginalizadas.³⁹

A Abolição da Escravatura

No século XVIII, a Inglaterra era o país que detinha o monopólio do comércio de escravos negros. Os meios de transportes eram os mais cruéis imagináveis. Boa parte da população inglesa tirava proveito do comércio, além de que o povo, de maneira geral, aceitava a escravidão. Havia aqueles que se enriqueciam com o comércio de açúcar e de escravos, e que defendiam o escravagismo apaixonadamente.⁴⁰

Wesley publicou, em 1774, um ensaio intitulado “Pensamentos sobre a Escravidão”, rejeitando as argumentações que defendiam a escravatura. Ele mostrou sua admiração para com a população negra e seu respeito para com suas religiões, inclusive o islamismo de alguns negros.⁴¹

Wesley condenou também a crueldade da captura dos escravos e as condições desumanas do transporte dos mesmos, que provocava um índice altíssimo de mortalidade. Ele levantou a voz contra a situação dos escravos reduzidos a bestas

³⁸Duncan A. Reily, *Op. cit.*, 157ss. Dorothy F. Quijada, *Op. cit.*, 130.

³⁹Duncan A. Reily, *Op. cit.*, 159s. Dorothy F. Quijada, *Op. cit.*, 130.

⁴⁰Garth Lean, *Op. cit.*, 126s. Duncan A. Reily, *Op. cit.*, 165s.

⁴¹William E. Phipps, “John Wesley Sobre La Esclavitud.” in *Juan Wesley: Su Teología y la Nuestra*, ed. Roy H. May (San José: Editorial SEBILA, 1989) A-65.

de carga, bem como contra a desintegração das famílias negras.⁴² Para Wesley, a liberdade seria um direito inalienável de toda a criatura humana, tanto dos brancos como dos negros. Na defesa dos negros, ele apela ao direito natural.⁴³

Wesley terminou o seu ensaio admoestando:

Os comandantes de navios deviam deixar o tráfico da escravatura; os comerciantes deviam obedecer a sua consciência (não comprar nem vender mais escravos): os fazendeiros não deviam derramar mais sangue inocente.⁴⁴

Wilberforce, nascido em 1759, não era metodista, nem amigo próximo de Wesley, mas deixou-se inspirar pela posição pró-abolicionista de Wesley. Na função de deputado, Wilberforce fez da utopia da abolição o seu projeto de vida.

Wesley escreveu sua última carta, em 24 de fevereiro de 1791, seis dias antes de falecer, a Wilberforce encorajando-o a executar o plano da abolição da escravatura.⁴⁵

Um parágrafo dessa carta diz o seguinte:

Oh! Não vos desanimeis de fazer o bem. Ide avante, em nome de Deus, e na força do seu poder, até que desapareça a escravidão americana, a mais vil que o sol já iluminou.⁴⁶

Após longas décadas de lutas no Parlamento, a vitória deu-se em 1807 quando aboliu-se o tráfico de negros. A Lei da Emancipação foi promulgada um mês após a morte de Wilberforce em 1833, e assim a escravidão negra estava oficialmente abolida.⁴⁷

POSICIONAMENTO

Em sua época, Wesley recuperou uma dimensão que por vezes foi negligenciada no Protestantismo.

⁴²*Ibid.*, A-64s. Entre Whitefield e Wesley havia posições bem diferentes sobre a escravidão. Whitefield, em dado momento, defende a escravidão com argumentos bíblicos, econômicos e humanitários. O próprio Whitefield era proprietário de escravos. Aqui temos o reflexo das posições teológicas distintas entre eles, especialmente na soteriologia. Duncan A. Reily, *Op. cit.*, 166s.

⁴³William E. Phipps, *Op. cit.*, A-65

⁴⁴Apud., Duncan A. Reily, *Op. cit.*, 166s.

⁴⁵Garth Lean, *Op. cit.*, 129s. Duncan A. Reily, *Op. cit.*, 166ss. W. Phipps, *Op. cit.*, A-67.

⁴⁶Apud., Paul Eugene Buyers. *João Wesley: Avivador do Cristianismo na Inglaterra*. (Publicação da Junta de Educação Cristã da Igreja Metodista do Brasil, 1944) 42.

⁴⁷G. Lean, *Op. cit.*, 130. Duncan A. Reily, *Op. cit.*, 168s. William Phipps, *Op. cit.*, A-67.

Entendemos que ele colocou a fé e as obras do amor cristão como elementos fundamentais da salvação, evitando a dicotomia entre o aspecto forense e o efetivo da justificação. Parece-nos que Wesley permanece sobre o fundamento da Reforma, especialmente ligado a Lutero. O ser humano não pode ser salvo por obras, por qualquer merecimento, ou quaisquer capacidades humanas, mas unicamente através da graça, através da fé, através de Cristo.

As questões centrais da Reforma foram reinterpretadas por Wesley e a ênfase foi colocada sobre o arrependimento, sobre a fé e sobre a santificação. Esta última seria um elemento diverso da justificação. Inclusive a justificação é relegada a um plano secundário. Parece-nos que isso constitui uma fraqueza de sua teologia. O mérito de Wesley está em realçar o aspecto efetivo da justificação. Onde há fé há também as conseqüências práticas da mesma, que se tornam concretas nos frutos, na obediência da fé.

Entendemos que a fé e o amor são os dois lados da mesma realidade, pois onde não há obras do amor a fé deixaria de ser autêntica. Entre a fé e a obediência existe uma ligação inseparável que se relaciona simbioticamente. A fé se articula no amor, nas boas obras, e a graça impulsiona ao discipulado.⁴⁸

A justificação pela fé e por graça não dispensa o crente da santificação, pois ela é dádiva e exigência ao mesmo tempo.⁴⁹

Para Wesley, a ênfase na santificação seria um imperativo para a pregação. A santificação como expressão do amor de Deus deveria concretizar-se no cumprimento de sua vontade. A vontade de Deus, por sua vez, manifesta-se no empenho pelas necessidades básicas do ser humano, como o pão, o trabalho e a cultura. Assim, o ser humano é levado a sério como imagem de Deus. A obediência aconteceria na dimensão vertical, para com Deus, e na perspectiva horizontal, para com o ser humano.⁵⁰

Wesley rompe com a dicotomia do sacro e do profano, do corporal e do espiritual. O ser humano é visto na sua totalidade, o homem é uma unidade na sua dimensão individual como social, espiritual e material.

A limitação de Wesley consiste em não enxergar as questões estruturais da primeira revolução industrial que causavam toda uma realidade de pobreza e de opressão, embora encontremos nele uma voz profética que denunciava os males. E, de fato, não se pode negar que ele tomou partido a favor dos pobres e dos oprimidos. Wesley assumiu uma postura de defesa dos interesses dos trabalhadores e foi o mentor das reformas que favoreceram a classe trabalhadora e o movi-

⁴⁸Horst Georg Pöhlmann, "DE GRATIA" in *Abriss der Dogmatik: Ein Kompendium*, 5. verb. u. Erw. Aufl., Gütersloh (Gütersloher Verlagshaus Gerd Mohn, 1990) 282s. J. M. Bonino, *Op. cit.*, 148. É elucidativo quando Bonino diz: "Talvez, simplificando, poderíamos dizer que os reformadores insistem criticamente: 'sem Cristo não pode haver obras boas', Wesley formula positivamente: 'Em Cristo há boas obras.'"

⁴⁹Horst Georg Pöhlmann, "DE GRATIA." in *Op. cit.*, 283ss. Entendemos que a passagem de Fp 2.12b,13 vem corroborar esta tese.

⁵⁰Elsa Tamez, "El Wesley de los pobres." in *Op. cit.*, 26ss.

mento sindical, em décadas posteriores. Além disso, inspirou as reformas do sistema carcerário.⁵¹

Não podemos esperar que Wesley pudesse ter dimensionado os problemas estruturais da sociedade de então a partir dos instrumentos de análise da sociologia moderna. Somente podemos avaliá-lo a partir da racionalidade inerente da sociedade da época.⁵² Esta sociedade estava atrelada a uma visão de mundo e de organização social incapaz de enxergar além das estruturas sociais de opressão, miséria e escravagismo. Tanto foi assim, que a população em geral, o clero oficial, a aristocracia e a corte estavam dominados pela visão social vigente. Entendemos que Wesley conseguiu romper, em boa parte, com uma racionalidade viciada que perpassava todos os níveis da sociedade inglesa.

Segundo a nossa compreensão, a dialética de análise estrutural não pode ser o único instrumento para a análise da realidade. Este é um instrumento, entre outros, necessário para apreender-se a realidade da existência humana.

A subjetividade e a individualidade são elementos fundamentais para a espiritualidade cristã e também podem ser instrumentos úteis para a apreensão da realidade humana. As dimensões subjetivas e individuais podem ser elementos de um paradigma possível na epistemologia social.⁵³

É verdade que esta religião interior pode ser pervertida quando passa a ser um elemento de legitimação da opressão. E de fato tem sido um elemento de legitimação para a religião civil que é largamente difundida nos Estados Unidos.⁵⁴ Nem por isso a espiritualidade interior, no sentido pleno, pode ser desprezada. Esta é uma dimensão teológica importante e também reflete as possibilidades da existência humana, em toda a complexidade do espaço antropológico.

Parece-nos que a dimensão espiritual deve ser recuperada, pois tem sido negligenciada quando se deu primazia absoluta à análise das estruturas sócio-po-

⁵¹ Garth Lean, *Op. cit.*, 131-135.

⁵² Júlio de Santa Ana, "Herança e Responsabilidade do Metodismo na América Latina. Reflexões sobre a Tradição Metodista e a Responsabilidade de Torná-la Atual numa Perspectiva Latino-americana." in *Luta pela Vida e Evangelização e a Tradição Metodista na Teologia Latino-americana* (São Paulo: Paulinas/ UNIMEP, 1985) 56, nota 21 da p. 56 e 61. Júlio de Santa Ana aponta aqui para a falta de percepção de Wesley para as condições objetivas e estruturais do ser humano, como um ser "em-situação". Enquanto isso, hoje, os instrumentos da sociologia proporcionariam uma compreensão estrutural dos males sociais.

⁵³ *Ibid.*, 55s. Conforme Júlio de Santa Ana, embora Wesley tivesse sido intransigente no combate aos males sociais de sua época, estas lutas contra os problemas sociais permaneceram no âmbito da ética individual. O conceito de Reino do Deus foi limitado à experiência no plano subjetivo e Wesley não teria abordado o reino como uma realidade objetiva.

⁵⁴ *Ibid.*, 59. Para Júlio de Santa Ana, a religião civil nos Estados Unidos tem sido causa de opressão e encontra-se, pelo menos em parte, imbuída na tradição do metodismo norte-americano. Santa Ana enfatiza esta questão dizendo: "Não é possível deixar de lado o fato de que a religião civil, pelo menos na forma em que se desenvolveu nos Estados Unidos ou ao longo do século XIX e até os nossos dias, é um elemento legitimador de um dos maiores projetos de dominação deflagrados ao longo da história."

líticas como paradigma único de apreensão da realidade humana. Entendemos que, por outro lado, o aspecto espiritual não pode servir de instrumento de opressão, não deve legitimar a fuga da realidade, como não justifica uma atitude reacionária às propostas de mudanças históricas. É esclarecedor quando Santa Ana diz:

Apresentar, hoje, o Evangelho na América Latina, continente com maioria de pobres, anunciar a boa notícia a estes pobres, implica denunciar aquilo que os oprime, resistir a esses fatores de opressão e arriscar-se na luta contra os mesmos. Isso nos leva a assumir nossas responsabilidades históricas. Não devemos permitir-nos escapes espiritualistas, moralistas ou metafísicos.⁵⁵

Devemos salientar que os princípios de mordomia cristã de Wesley têm sido um elemento fundamental para o desenvolvimento da ética individual e da santidade social. A questão da mordomia encontra-se expressa nas três famosas regras. A primeira dessas regras dizia: "Ganhai o mais que puderdes".⁵⁶ A segunda regra seria a da prudência cristã, apresentada assim: "Economizai o mais que puderdes".⁵⁷ A terceira regra reza: "Dai o mais que puderdes".⁵⁸

A partir da terceira prescrição, ninguém é dono de sua propriedade, mas os bens são outorgados por Deus para serem administrados com objetivo social. Inclusive esta regra seria a chave para a compreensão das duas primeiras, e ela aponta para uma prática de comunhão de bens.

CONCLUSÃO

Segundo o metodismo primitivo de Wesley, na conversão está o marco decisivo para o crente. O pecador justificado vive na certeza da fé e na santificação concreta que se materializa nas obras do amor e na obediência. O processo de santificação teria como objetivo a perfeição do crente.

O avivamento espiritual, a renovação interior, deveria ter conseqüências práticas visíveis, de modo que não pode haver dissociação entre fé e obras, entre justificação e obediência da fé. Entendemos que para Wesley quem está em Cristo necessariamente fará boas obras, embora não seja salvo por elas.

Parece-nos que Wesley tenha, pelo menos de certa forma, dissociado a justificação da santificação, colocando a justificação como um primeiro passo si-

⁵⁵*Ibid.*, 62.

⁵⁶John Wesley. "Sermão L: O Uso do Dinheiro." in *Sermões*, v. 2. (São Paulo: Imprensa Metodista, 1954) 483.

⁵⁷*Ibid.*, 484.

⁵⁸*Ibid.*, 488.

tuado em um dado instante, enquanto a santificação seria um elemento constante e processual que determina a existência cristã.

Entendemos que a justificação e a santificação não podem ser separadas, pois são dois lados de uma mesma grandeza teológica, pois somente a graça justifica e a santificação emana da justificação por Deus. A justificação e a santificação permanecem, em última análise, ação de Deus. Assim, a santificação e a perfeição na teologia de Wesley são, em boa medida, teológica e antropologicamente inaceitáveis.⁵⁹

Wesley, permaneceu atrelado à visão antropológica individualista, não dimensionando os males de sua época como problemas de natureza estrutural. Embora tenha sido uma voz profética corajosa, denunciando os males e propondo mudanças concretas na primeira revolução industrial, não conseguiu romper nem superar totalmente a racionalidade interna da cosmovisão social de sua época.

Parece-nos importante recuperar a questão da espiritualidade e do avivamento como elementos constitutivos e inerentes às mudanças de caráter social. É verdade que não se pode subtrair o elemento social da pregação da justificação e da santificação. De igual modo não se pode postular pela unilateralidade e exclusividade de mudanças estruturais sem dimensionar as questões de ordem individual. Uma revolução estrutural somente exaure suas forças e sua motivação se não houver também uma revolução individual através da justificação do pecador pela fé, pela graça, e por Cristo.

Embora a aplicação de Wesley para a América Latina seja limitada, permanece o seu desafio. Este desafio pode ser relevante na medida em que sua prática teológica aponta para a unidade entre justificação e santificação, fé e obras, proclamação do Evangelho e opção pelos pobres e oprimidos. Entendemos que em Wesley temos elementos libertadores que, sem dúvida, muito contribuem para a realidade do contexto latino-americano.

⁵⁹José Míguez Bonino, *Op. cit.*, 147-152. Bonino, ao discutir a questão das obras, chama a atenção para o aspecto ativo da santificação do crente que se articula nas obras da fé e do amor conforme a tradição Bíblica e da Reforma. Este postulado fora enfatizado por Wesley. Bonino aponta para a questão das obras como a única maneira do ser humano desenvolver-se como um ser histórico. Isto não privilegiaria as obras como mérito e não diminuiria a gratuidade da salvação.

A Crítica de Bonino a Wesley nos parece procedente, pois a santificação e a justificação tornaram-se dois elementos teológicos separados, proporcionado problemas de ordem espiritual e psicológicos, na forma da soberba ou da consciência escrupulosamente doentia.